

COLETÂNEA DO PREMIO ESCRIBA DE POESIAS -2012

1º LUGAR – LAVANDO O PÃO DE CADA DIA
JOÃO CANDIDO DOS SANTOS RODRIGUES – MANAUS /AM
PSEUDÔNIMO: FLORINDO JARDIM

LAVANDO O PÃO DE CADA DIA

O dia acordava com as canções das lavadeiras.
As batidas das roupas despertavam as pedras adormecidas.
As lavadeiras cantavam...
Cantavam, lavando as manhãs nas suas roupas...
Cantavam, afinando a alegria nas suas melodias...
Cantavam, limpando o cansaço nas suas cantigas...

Conversavam alto,
Enxaguando as preocupações nas suas conversas.
Conversavam tanto...
Tanto, que até o tempo se acomodava entre as pedras
Pra esperá-las e conversar com elas.

Enquanto isso,
O sol e o vento, feito meninos, se embalavam nas cordas do varal,
Esperando as roupas para se vestirem com cada uma delas
E enfeitarem o dia com todas as cores.

Quando iam embora,
Saíam limpos e cheirosos.
Deixando, na tarde e no coração das lavadeiras,
A alegria.

- Estava lavado o pão de cada dia!

2º LUGAR- CECOGRAMAS

LUIZ KIFIER- BELO HORIZONTE /MG

PSEUDÔNIMO: CLAVE DE LUZ

Clareza é o escuro acostumado de si.

I

Segredo é o que sendo poema
atravessa o buraco de qualquer agulha.
Pode ser o amor que o vão da fechadura sopra,
a angústia que o porta-jóias amoita ou
a saudade que às vezes escapa pelo bule
e vai moendo o passado
até a distância ficar com gosto de café.

II

O senhor das pequenas coisas não carece
de preces recheadas de amém.
Ensina-me só o caminho de volta,
enquanto guardo a existência dele
no escuro dos olhos
que aprendeu sem didáticas a
não dimensionar nada além do que se é.

III

O gozo da vida dura o tempo de um fósforo riscado
O resto é coisa da imaginação ou da memória confusa
desses poetas que fazem do olhar, cicatriz.
Só desejo aquilo que por grandezas,

caiba na palma da mão
ou lacrimeja no fundo da alma.
Lagarta se fantasiando de borboleta
ou o adeus em carta escrito à mão.

IV

Acho que a morte quando passou pelos meus olhos,
senti que eles estavam cheios d'água.
Tanto que ela ficou na beira,
jogando pedrinhas e mais pedrinhas
para ver se a eternidade dá mesmo
três saltos antes de afundar na gente.

3º LUGAR

DIÁRIO DE UM JARDIM DE PAPEL

JAQUELINE LOPES SALGADO SOARES - BELO HORIZONTE/MG

PSEUDÔNIMO: SANS CRITA

Diário de um Jardim de Papel

Sans Crita

Eu hoje escrevi botões,
Conjuguéi rosas brancas
Recitei tulipas tristes,
Folhas inteiras de jasmim.

Pintei orquídeas
Únicas,
Esferografadas em azul,
Duzentos lírios decassílabos
Salpicados de carmim.

Revelaram-me os trevos,
Ênclises de quatro folhas,
Presságio de um jardim vindouro.

Bambus oxítonos
Margeiam o espelho d'água,
Marca d'água,
Palco das carpas plotadas
Em escamas cor de ouro.

Com as mãos cegas
De uma fada
Suavemente aquarelada
Arranquei ervas daninha
Aparei as pautas largas
Gramíneas reticentes...

Revolvi as letras tortas
Enxertei palavra em flor.
Pra atrair as joaninhas,
Colchetes e cochonilhas,
Replantei por todo lado
Bulbos secos de amor.
Amor-perfeito.

Não existe,
Quiçá em terras distantes,
Deixo uma cova vazia,
Uma carta sem selo,
Um laço frouxo de sovêu.
Na esperança de que um dia
Alguém transplante
De um canteiro

A única flor que falta
Em meu jardim de papel.

MELHOR DE PIRACICABA

SILÊNCIO

ESIO ANTONIO PEZZATO – PIRACICABA/SP

PSEUDÔNIMO: BAR BOSA

Silêncio

Bar Bosa

Interpreto o Silêncio através de metáforas
E na canção que vem regida pela sombra.
Não se lava o silêncio e a sombra não se molha
Interpreto o silêncio em enigmas supérfluos.

A nuvem passageira e viajante do espaço
Muitas vezes no chão faz sombra de miragem.
Passageiro que sou pensativo e calado

Na voz da solidão interpreto meus sonhos.

A chuva fina cai e esborrifa nas sombras,
Sonho de vácuo e luz que brilha a sete cores.
Passageiro do tempo eu vou moldando ideias
Na luz que se reflete em espelhos convexos.

Garças vão ao espaço em voo silencioso
Procurando um local para fazerem sombra.
A sombra de silêncio invade o chão disperso
E disperso procuro o silêncio das coisas.

Piso chão de algodão e faço atrito no ar
Com o sangue que corre em silêncio nas veias.
Batalha que se vai num frenético sonho
Do que não sei viver nas sombras que não vejo.

A sombra esgarça a luz em negros labirintos
E o silêncio e seu vulto aparecem-me estáticos.
A palavra é o silêncio em pedra adormecido
Num velho livro gasto onde as palavras morrem.

Interpreto em Silêncio os sonhos que me dizem
Das coisas que não fiz por saber-me incapaz.
Voar o espaço azul por léguas de infinito
Uma arma que me mata em estampido surdo.

Os pés trago no chão por que não tenho pernas
E o tiro que atingiu-me era somente sombra.
As penas como a sombra emolduram mentiras,
A mentira é o silêncio em culpa inexistente.

Na vaga solidão da noite que não passa
Sou velho passageiro a roer minhas sombras.
Sou silêncio, sou pó, que sobre o vácuo voa
E faz sombra na sombra e na sombra faz sombra.

MELHOR DE 15 A 17 ANOS

- SER E NÃO SER

LEVI MOTA MUNIZ / FORTALEZA/CE
PSEUDÔNIMO : EU EU-LIRICO

Quero frio, mas não ártico, quero calor, mas não desértico,
Quero muito, mas não máximo, quero pouco, mas não mínimo,
Quero feliz, mas não ilusório, quero triste, mas não mórbido,
Quero paz, mas não estático, quero guerra, mas não lástima

Desejo que minhas concepções sejam sólidas,
mas não que minhas histórias se tornem parábolas,
Quero vivo, mas não imortal, quero surpresa, mas não mágica,
Quero duro, mas não mármore, quero leve, mas não ínfimo

Que meus amores não sejam dependências,
e minhas drogas também não,
Quero fatos, mas não proféticos, quero idéias, mas não desvaneios

Quero certo, mas não parnásico, quero errado, mas não caótico,
Sou poeta e suplico poder morrer de amor,
Mas sou humano, e almejo viver a simplicidade do meio-termo

SELECIONADOS

NO VARAL DO TEMPO

FERNANDO FERRARI / SÃO PAULO/SP
PSEUDÔNIMO : FERRARI

E os dias se enfileiram no varal do tempo.
Panos de seda vão lembrando bons ventos;
Enquanto farrapos são remendados com linhas do arrependimento.

Alinhados num meridiano invisível, passam.
Secam águas de Março, arrastando estações;
Presos a uma só trama, inventados, guardam momentos e intenções.

Fragmentos da história, um elo e uma ponte;
Os dias são feitos para usarmos e se aproveitar.
Deixam tudo mais limpo, expõe quem somos e põe tudo no lugar.

Estendidos eternamente nas encostas da era;
Registram acontecimentos e ajudam a espera.
Chances de novos começos; voltar a velhos endereços e reconquistar.

Talvez sendo mal, viva mais do que penso viver.

Quiçá sendo bom, eu parta até antes de adoecer;

No truque do passatempo, já lento e num acento, quarando e olhando o varal do tempo.

SALTO

ALBERTO PEREIRA DE ARAÚJO FILHO - CARATINGA /MG

PSEUDONIMO: HENRIQUE VELASCO

O sapo engole o pirilampo,
mas logo se perde
na escuridão.

DIA DOS NAMORADOS

MARCO AURÉLIO PINOTTI CATALÃO/ CAMPINAS/SP

PSEUDONIMO : SENSINI

dia dos namorados

foi para vós que ontem comprei, senhora,
este aparelho com *design* discreto,
de última geração, em rosa e preto,
como dizem que está na moda agora.

se o não usardes logo, sem demora,
ele se tornará tão obsoleto
quanto o *vós*, a mesóclise e o soneto.
o tempo é indiferente a quem o chora.

meditai nisso. como o *smartphone*,
tornar-nos-emos velhos, e amanhã
não me entusiasmarei nem com viagra...

o tempo abranda o duro silicone
e traz a celulite... a vida é vã...
por isso, amai-me... enquanto ainda sois magra.

FALSOS ABRACOS

VASCO PEREIRA DE OLIVEIRA / SERTÃO ZINHO/SP
PSEUDÔNIMO: J COVAS

Pálpebras cerradas
aprimonam nossos silêncios.
As opiniões são fósforos riscados,
e os sentimentos cinzas pelos cantos.
Não há luz: há muito não pagamos a conta.

Cultivamos nossa indiferença
com a calma de um barco
que apodrece no fundo do rio.

Somos ricos em perdas
e pobres em ruídos caseiros.
Marcamos território com miolos de pão
ressecados pela baixa umidade dos olhos.

Não há anúncios de batalha:
há silêncios e feridos
dos dois lados da muralha.

O tempo nos secou ao sol.
Somos duas camisas no varal,
dependendo do vento para disfarçar falsos abraços.

FINESSE

MUCIO DE LIMA GOES - RECIFE/PE
PSEUDÔNIMO: MG6ES

dona
de uma fineza
absoluta:

na sala, Sartre.
na cama, Sutra.

OS GALOS DA MINHA RUA

REGINALDO COSTA DE ALBUQUERQUE- CAMPO GRANDE/MS
PSEUDONIMO: BONECA DE SABUGO

I

Os galos que rondam
a minha rua
à luz trêmula do luar

não ciscam gravetos do chão
nem dizem cocoricó

um bando chega

outro foge

às vezes duelam
na curva das esquinas

quem é o dono do terreiro
qual grita mais alto
o maior

II

Quando erguem o aço frio
da ponta de seus bicos
noite adentro
tudo cessa de repente

miados no telhado
a estrela cadente
ave-marias à beira da cama

E a monotonia estúpida
da cantiga entoada
atravessa janelas
ameaça por baixo das portas

III

As mãos que os fazem
expelir fogo
que assusta os cupidos

há pouco
brincavam de pega-pega
pipas nos fios elétricos

rodar pião

há muito

carregam a morte e a vida agarradas

à brutal cicatriz branca

do pó

FEBRE DAS MUSAS

ANA AMÉLIA APOLINÁRIO DE ALMEIDA - JOÃO PESSOA/PA
PSEUDÔNIMO: SAPHIRA

Devoro os delírios de Sylvia

40 graus de verve gritando em mim

Estrelas furiosas

Sangram as sombras de Sexton

Orgias de ópio

Frissons de Anais Nin

Clarice felina caçando a solidão

Ruge o piano de Amos

Virgínia afunda em flamas

Florbela ascende entre mágoas

Minha boca cintila

Sonhos de Cecília

Emily dança à luz do Inaudito

E Safo decifra

o mito escarlate em meu ventre.

Desabotoa minha gola, Pagú!

ESTAÇÃO CALADA

LOHAN LAGE PIGNONE - TRAJANO DE MORAES /RJ
PSEUDÔNIMO: ANDRADE

A linha férrea
A hera terrestre
Reconquistando seu território.

Valise na mão
A espera pelo passado
E nem ponte,
nem poste,
nem pasto -
Fica o olhar lânguido
A percorrer os trilhos.

...

O outono decai,
Varre folhas ocres
E a poeira dos bons tempos.

Hoje -
Marias Desfumaçadas
Já não há Bandeira,
A boca esfumaça o frio
Dessa Estação...
Acabou 'café com pão'.

Só se aproximam
Os vagões da nostalgia
In loco(emotiva).

Fornalha acesa
A lágrima percorre os trilhos

Da face centenária.

O que não se cala

São os ruídos da memória

Que ecoam no coração.

ETERNAMENTE MANOEL

EDER RODRIGUES - PIRACICABA/SP

PSEUDÔNIMO: OZ

*“Quem anda no trilho é trem de
ferro, sou água que corre entre pedras:
liberdade caça jeito.”
Manoel de Barros*

I

Pela paz que as *ignorâncias* poemam,
colo um a um dos estilhaços
que sequer vão conformar meu reflexo
em estatura de barro ou vertigem de espelhos.
Venho de lugar nenhum, depois de tanta
lembrança enterrada em ritos de pedra-sabão.
Não passei a vida tentando me desvendar,
a mercê dos tantos *eus* que a solidão coleciona.

II

Fiel aos passos que o corpo fraqueja
Sigo quando o olho umedece por dentro a abertura do mar.

Não guardo sensações num pote de conservas
Trago comigo só uma bússola quebrada,
com nortes incertos e nenhum pertence.
Demora, mas a vida se rende às dádivas do não chegar.

III

Sei pouco de lugar, raiz, pertencimento.
Meu coração foi criado no peito mesmo,
longe da didática dos rumos.
Meu desejo não pega carona.
Costuma ir a pé quando avista o interior das coisas.
Só mergulha quando se afrouxa o insuportável das vestes.

IV

Já me liberei dos lemas,
não engarrafo poemas e só furto poentes.
Sei que construíram deus de cimento e areia,
ainda que desabe cada milímetro concreto
frente às dúvidas de quando o que se avermelha
em existência é o fundo das gentes
e não a altura dos santuários.

V

O que insinuam como corpo, eu peço como estrada.
Parto sem nenhuma pressa
Sem carecer de uma identidade fixa
para justificar os girassóis que deixo como metade.
Pauso o movimento perpétuo da máquina do mundo
com o piar sucessivo dos pardais que ressuscitam
a orgia no escondido dos laranjais.

VI

Há tempos deixei as escrituras
A estrutura do teto pelas chuvas de agosto

A terra em si que nunca me arranhou posses.
Sepultarei meus mortos no fundo do mar
onde mora um piano inventado que serve de companhia
quando a dor pesa séculos por dentro aquém às superfícies.

VII

Se o amor ficou fora de época
Desafio a moda lendo as linhas do corpo todo
e ainda dou aula de caligrafia para
umedecer a sutileza das cartas e o mistério da palavra.
Desculpa se meus certificados não tiveram parede
Se os bichos que estimo largo soltos ao léu.
Esquecimento faz parte do mundo
e na encruzilhadas dos corpos,
perde quem não se trilha pelos quatro cantos
onde os trens brincam de eternidade.

VIII

Despedida não faz parte de mim
Carrego no bolso retratinho de mãe
Saudade eu curo com chá,
mas quando deito fedendo laranja
é o colo dela que imagino para dormir.
Vim só para pedir tua benção *Manoel*
Ainda não encontrei aquele velho navio
Mas a arte já me ensinou
a atravessar o mar dentro de um barco de papel.

PRIMAVERA ANUNCIADA

MARISA BUELONI - PIRACICABA/SP
PSEUDÔNIMO: CASSIOPEIA

Quando setembro vier
quero estar de pé no chão

com uma flor no cabelo
uma esperança, um apelo
ardendo no coração

Quando setembro vier
serei a mulher
das colheitas
Perguntarei
o que não sei
- e se me aceitas

Quando setembro vier
serei a cítara
que alguém citara:
uma oração
uma canção
- kandara

Quando setembro vier
na primeira aragem
tomo coragem
e me alisto
- no último pelotão
uníssono cantochão
no exército de Cristo

Quando setembro vier
- dizem os astros –
haverá um esplendor
um calor
colossal
Estarei de pé
cheia de fé
de luz e de sal

Quando setembro vier
virá o sonho, a arte
Não posso dormir, no entanto
ou perderia o espanto
- a melhor parte

Quando setembro vier
darei adeus ao frio

correrei para os teus braços
morrerei nos teus abraços
na corredeira de um rio

Quando setembro vier
estarei de plantão
na garagem da casa nova
na época da desova
piracema da estação

Entra! – é tua
a Nova Terra
o solo bendito
o amor infinito
da salvação

E se for possível
meu bem
se ainda existir
um nupcial bem-me-quer
eu estarei lá, meu amigo
para cantar contigo
quando setembro vier...

AMOR

JOÃO PAULO PARISIO - JABOATÃO DOS GUARARAPES/PE
PSEUDÔNIMO : ÉREBO

Amor, essa palavra cheia de nervos.
Amor, essa palavra cheia de dedos.
Amor, essa palavra cheia de medos.
Amor, essa palavra cheia de enredos.
Amor, esse tumor, esse novelo,
esse inexplicável desvelo
pelo que não pode compreendê-lo,
pelo que não pode compreender-se,
esse ninho ora habitado no peito,
ora daninho, ora perfeito.

ETERNAL SILENCIO

FRANCIELE MOZER BACHI - SANTA ROSA/RS
PSEUDÔNIMO: CALÍOPE

Eternal Silêncio

Oh tinta dos soluços que levanta
Rasgando este papel refeito em cerne
Há de agüentar a dor agora entregue
Se já não posso tê-la na garganta?

Então será possível que não vergue
Matéria se a essência se derrama?
Que não se rasgue a carne de quem canta
Ante o entôo tão triste que se ergue?

Ah quem me dera fosse tudo essência
E não houvesse então essa tristeza
De desejarmos alcançar a alma
Só conseguirmos atingir a letra...

A vida veio e fez-me estar às voltas
As voltas todas ágeis dessa dança,
A gente lança os braços, não alcança...
Jamais, jamais perdemos a esperança.

Não fosse tudo solidão, silêncio,
De nós não alcançarmos essa essência!
Na tentativa eterna em violá-la
Ficamos só co' vão destas palavras.

Renego-te oh letra que não pulsa

E toda vida que teu lábio jura
Renego todo o entôo seco e morto,
Oh te atrevas a me falar de lágrimas!

Eia então, vibra, se puderes, vibra
A lira do meu peito compõe, tange,
Vibra este universo que confrange
Faça-o ser as cordas desta lira.

Mas Quem persistirá nesta mentira
Quando a lei da existência se esclarece?
Eu sei que todo canto que se tece
É corda só do peito que então vibra.

Então, que importa a urgência desse grito
Se ele não ressoa no infinito?

Ah se eu não fosse apenas este eco
E sim a própria boca do universo.

BRINCO DE LEMBRAR

DANIEL RETAMOSO PALMA- PASSO FUNDO /RS
PSEUDÔNIMO: KAVÁFIS

Venho do interior do menino que já fui...

fui... fui desmaiar pandorgas bem longe do arraial

fui dono de circo de miniaturas

e carcereiro de impérios de quintal

menino fui... fui caçador e fui refém

mas por Júpiter, que fui imperador também!

e daqueles que dão pão e circo ao povo imaginado

Aliás, para o meu circo, não havia lonas

para os meus prisioneiros, não havia celas...

fazia meus templos em vidros de café

cortando cheiro às travessuras

que a mãe da gente tem faro farol e pouca fé
nos santos milagres que a gente esconde

Apanhava cigarras quais frutas cantantes
às árvores do pátio – onde meus cortes e minha corte
em palmo de terra plantava arenas
para colher, das formigas, meus gladiadores
caçava borboletas, libélulas em bando
caçoava do sol que me roubava os dias
com lampiões de vaga-lumes
a respirarem luz
dentro das noites de betume

Por fim, brinco de lembrar
que fui carcereiro de impérios de quintal
prendia cigarras e formigas
prendia até a res-piração do sol
e de poças rasas eu pescava pérolas

Brinco de lembrar
que eu também sabia libertar
meus helicópteros das libélulas

Brinco de lembrar
que o meu império virou ruínas
e um menino vem de mim
prender o choro, confesso...

Brinco de lembrar
que à tua orelha, menina
foi que eu prendi meu primeiro verso.

SILÊNCIO

ESIO ANTONIO PEZZATO- PIRACICABA/SP

PSEUDÔNIMO: BAR BOSA

Interpreto o Silêncio através de metáforas
E na canção que vem regida pela sombra.
Não se lava o silêncio e a sombra não se molha
Interpreto o silêncio em enigmas supérfluos.

A nuvem passageira e viajante do espaço
Muitas vezes no chão faz sombra de miragem.
Passageiro que sou pensativo e calado
Na voz da solidão interpreto meus sonhos.

A chuva fina cai e esborrifa nas sombras,
Sonho de vácuo e luz que brilha a sete cores.
Passageiro do tempo eu vou moldando ideias
Na luz que se reflete em espelhos convexos.

Garças vão ao espaço em voo silencioso
Procurando um local para fazerem sombra.
A sombra de silêncio invade o chão disperso
E disperso procuro o silêncio das coisas.

Piso chão de algodão e faço atrito no ar
Com o sangue que corre em silêncio nas veias.
Batalha que se vai num frenético sonho
Do que não sei viver nas sombras que não vejo.

A sombra esgarça a luz em negros labirintos
E o silêncio e seu vulto aparecem-me estáticos.
A palavra é o silêncio em pedra adormecido
Num velho livro gasto onde as palavras morrem.

Interpreto em Silêncio os sonhos que me dizem
Das coisas que não fiz por saber-me incapaz.
Voar o espaço azul por léguas de infinito
Uma arma que me mata em estampido surdo.

Os pés trago no chão por que não tenho pernas
E o tiro que atingiu-me era somente sombra.
As penas como a sombra emolduram mentiras,
A mentira é o silêncio em culpa inexistente.

Na vaga solidão da noite que não passa
Sou velho passageiro a roer minhas sombras.
Sou silêncio, sou pó, que sobre o vácuo voa

E faz sombra na sombra e na sombra faz sombra.

PEQUENAS POESIAS

ANDRÉ TELUCAZU - CARAGUATATUBA/SP

PSEUDÔNIMO: TAKEZO M.

Pequenas poesias

Takezo M.

uma folha

brinca sozinha

dando cambalhotas

de outono

um caramujo
deixa um rastro de atrasos
sem se preocupar
com a pressa do mundo

atrás
do arame farpado
uma farpada rosa
esperando para se tornar afago

uma semente de dente-de-leão
plana
paraquedista da vida
sem planos

um chinelo meu
outro da esposa
eu rio do erro e sinto
meus passos mais certos

um riacho de silêncios
murmura respostas
para perguntas
não feitas

uma gaiola
vazia
guarda
voos

o reflexo
da lua
em uma poça d'água
sonho de marés

ANÁLISE ESTÁTICA
KLEBER BODINHÃO -PONTA GROSSA/PR
PSEUDÔNIMO: VITOR VOGUE

Análise Estática

Não havia entre nós
a mínima sintaxe,
era como
se o mais importante
faltasse.

eu, puro sexual
e ela toda romântica,
eu morfológico
ela semântica

O QUE SOBRA

HELENICE PRIEDOLS E SOUZA - VINHEDO/SP

PSEUDÔNIMO: FLOR DE LIZ

O que sobra

sei do tempo que nos acompanha cortando a pele como lâmina fria
sei da melancolia que ocupa a mão vazia de sonhos
e do silêncio que queima a fome no prato vazio
da mãe que não encara um filho nos olhos por não saber dar explicações

foram-se os dias em que precisava da altura
para contemplar futuros
é nesses planos terrenos em que estamos
comprimidos pelas mesmas ausências
que choro as escassas compreensões

tão poucas são as mãos que se estendem
tão poucas as razões que se entendem
tão poucos os pés no chão

o orgulho do homem se dissolve na fumaça

que o próprio homem produz quando queima sua alma
recolho o verbo o silêncio e o assombro
o que sobra nem nome tem

MOMENTO NO TREM

MARINA CECILIA CONSENTINO FRANCO - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
PSEUDÔNIMO: MACE

O menino bonito,
dezoito? vinte?
achou lugar no trem
ao lado da velhinha tímida
quase invisível.

Licença, minha senhora...
Voz baixa, grave, quente
cheia de ressonâncias.

A senhora acendeu
olhinhos espertos
e pareceu menos velha.
Esboçou um tênue sorriso
também mais jovem
que o resto.

O colocar a mochila no bagageiro
desvelou o tufo negro da axila
e espalhou um discreto aroma
de suor recente.

Foi impressão, ou de leve
fremiram velhas narinas?

O gesto de sentar-se,

nos jeans apertados,
delineou os músculos fortes
das coxas. O jovem corpo
irradiava um calor bom.

A velhinha tímida
fechou os olhos marotos,
para sonhar diabruras
com o neto
de outras avós.

CONSOLIDAÇÃO

JULIANA MENDES FERREIRA FRANÇA - NOVA FRIBURGO/RJ

PSEUDÔNIMO: MARIA MAR

Histéricas ao telefone,
como se não se vissem há missas!
Entre opiniões argumentativas
e rogos tão elaborados,
pálpebras palpitantes,
parábolas eloquentes,
cada qual com seu caso
suscetível a qualquer olhar mais
enviesado
- cortado obliquamente -,
uma faca nos dentes
sustentando
gestos adjacentes
- o café esquentando -,
uma mão à frente
perfurando todo espaço entre
a pele
a calcinha

e o artigo primeiro e segundo da cláusula contratual
de união civil estável,
buscando entrelinhas
manter o sopro da castidade
à contração involuntária da vontade,
entrementes,
o gozo da fidelidade
emerge cristalino e virgem,
e por que não, casto.

FRAGMENTOS

RODRIGO DOMIT - RIO JANEIRO/RJ

PASEUDÔNIMO: PABLO QUINTANA

Quebrou-se

no mergulho do pássaro

o espelho d'água

O SONO DE GOYA

MARIO DAVIE CLAUDINO DA CRUZ- CURITIBA /PA

PSEUDÔNIMO: PEDRO PARÁMO

"Que ninguém possa jamais esquecer esta noite.

Hoje, tocarei a flauta de minha própria coluna vertebral."

(Vladimir Maiakovski)

Sonhei com serpentes mortas
dentes cerrados, ventos distantes

touros de olhos azuis,
festins negros e maré alta.

Quem soprou esses ventos
nas flautas das vértebras
e verteu febre nos dedos
para que compuséssemos vendavais

e folheássemos o diário de ouro
que o Deus tocou
que só nos fez chorar?

Quem varreu os cílios
com o *zoom* sorrateiro
da visão do sem nome?

Quem disse:
– Quem beber dessa água lembrará –
essa é a fonte da memória

Quem disse que era Deus?

DOCES LEMBRANÇAS

MARIO JOSÉ DE SOUZA GOMES JR - VILA VELHA/ES

PSEUDÔNIMO: MARIO GORDILHO

Ainda me lembro
Das lembranças que minha vó
Me contava, eu no seu colo,
De quando ela era criança

Numa cadeira
De madeira, que balança,

Concentrava em sua voz,
Que não me sai da lembrança

Via uma casa lá na roça,
Um galo da madrugada,
Um luar iluminado,
No meu olhar de criança

Ainda me lembro
Das lembranças que meu vô
Pranteava, eu no seu colo,
De quando ele era criança

Num casarão
Lá no centro da cidade
Onde, em sua mocidade,
Fartou-se de tanta festança

Via janelas e escadas,
Muitas portas e espelhos,
Belos móveis decorados,
No meu olhar de criança

Como eu era feliz e não sabia!
Bons momentos de paz e fantasia
Que pra um menino nunca passam,
Só constroem doces lembranças...

GEOGRAFIA

MARINA RABELO CALDAS- NATAL/RN

PSEUDÔNIMO:MARY

teus pés de solos áridos
descobrem minha relva úmida

tuas mãos de cactos crassos
adentram minha selva macia

e chovemos

um gozo de ser tão

DICIONARIO

LUCAS CORREIA MENDES - ARAGUAÍNA/TO

PSEUDÔNIMO: APRENDIZ

Vindo da uva, vinho tinto,
Quebra do ovo, vida do pinto,
Busca do álcool, alcance da fuga,
Sina do copo, bebida à culpa.

O risco que desce o rapel,
O risco que mancha o papel,
O que descreve o próprio umbigo,
O que escreve o ambíguo.

A pele da presa na unha do predador,
A fé presa na palavra do pregador,
O peso da amizade que se preza,
O preço da novidade que prega peça.

A venda que cobre os olhos do vendado,
A venda que cobra o valor do vendido,

A escolha que provoca o rejeitado,
A escola que promove o escolhido.

Ter sorte pra ser mais amado,
Ser forte pra ter menos risco,
A fala que manifesta o falado,
A falha responsável pelo falido.

O freio da beleza, baque da imagem,
O feio da leveza, peso sem gravidade,
O feito certo e ultrapassado virou “ex-ato”,
O defeito, eterno condenado, foi humanizado.

O desejo tímido é “sub-atração”,
A antipatia em demasia é “multi-implicação”,
A atitude, nua, sem endereço, não alcançada,
A altitude do baixo da rua pro tropeço no engano da calçada.

A palavra que, distraída, emudece o ato,
A razão que se diz traída, muda o que falo,
O som da palavra que combina...
Equivale o poder da rima.

AOS CREDORES

MARCOS FERREIRA DE SOUZA- MOSSORÓ /RN

PSEUDÔNIMO: ANDRÉ BENEVITES

Devo e não nego. Mas também não pago.
Não que não queira, mas é que não tenho.
Reúno esforços, não sonego empenho,
Porém meu bolso é o tempo inteiro vago.

Neste sufoco há muito tempo eu venho
Sofrendo o diabo e sem nenhum afago...
Devo a Raimundo e devo a Antônio gago,
E a tanta gente que me desce o lenho.

Não sou velhaco. Devo, sim, não nego.
Devo à bodega, devo a Deus e ao mundo
E até uma esmola que neguei ao cego.

Porém me aguardem mais esta quinzena.
— Tenha paciência por favor, Raimundo,
Que estou contando com a Mega-Sena.

e o apelido de todos os que foram de férias
ninguém esquecerá nunca ninguém
os nomes de todos entram-nos em casa pelos sítios que se escondem
o vento foi a maneira que a natureza arranjou de devolver a voz aos mortos